



António Simas Santos

# Pós-verdade

A pós-verdade, foi eleita como a palavra do ano 2016, sendo definida não como uma simples mentira, mas como um adjetivo que define a ideia de que “os factos objectivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e às crenças pessoais”.

De facto, 2016 foi um ano especial marcado pelo referendo do Brexit e a primeira eleição de Donald Trump. Ocorrências onde a veracidade das afirmações importou menos do que a sua sintonia emocional com o eleitorado.

Contudo, a pós-verdade não é apenas um fenómeno político, é uma crise profunda de desinformação. Uma era aonde a verdade deixou de ser um padrão de ouro para validar argumentos e passou a ser uma opção num menu de “realidades” à escolha.

Após-verdade é o resultado de uma incompatibilidade entre a psicologia humana ancestral e a tecnologia algorítmica moderna, criando um ecossistema onde a coesão social e a própria democracia estão em risco.

O cérebro humano não evoluiu para procurar a verdade científica, mas para garantir a sobrevivência social e a pertença de grupo, mantendo uma tendência cognitiva de procurar, interpretar e recordar informações que confirmem crenças pré-existentes, ignorando evidências contraditórias. Na era da pós-verdade, isto não é um erro do sistema, mas o seu combustível principal.

A “verdade” tornou-se um marcador de identidade. Aceitar a “verdade” do nosso grupo político ou social é um acto de lealdade, aceitar os factos do “inimigo” é traição. Impedindo, por essa via, o diálogo racional e promovendo a cristalização de posições.

A democracia exige um conjunto comum de factos para funcionar. Se não concordarmos com dados básicos (como a taxa de desemprego, as alterações climáticas ou os resultados de uma eleição, a título de exemplo), não poderemos debater soluções, apenas poderemos combater realidades.

O resultado é a polarização extrema e a instabilidade institucional, onde as eleições não são vistas como disputas políticas, mas como batalhas existenciais entre o bem e o mal.

Os algoritmos, a base essencial da comunicação actual, alimentam os

utilizadores com conteúdos que reforçam as suas visões, isolando-os de contraditório. O utilizador deixa de habitar uma realidade partilhada e passa a viver num “universo paralelo” de factos seleccionados.

A área da saúde tem sido, provavelmente, a vítima mais visível desta intoxicação informativa. Durante a pandemia e nas campanhas de vacinação, a desinformação sobrepôs-se ao consenso científico. A confiança nas instituições científicas tem sido, e continua a ser minada por narrativas emocionalmente carregadas, nas redes sociais. Sendo o exemplo das declarações de Trump e do seu secretário da saúde, paradigmáticas de como a ignorância e o uso do medo se têm sobreposto às evidências científicas. Basta a ver o modo intransigente como tantos idosos, entre nós, recusam a vacina do covid!

“A pós-verdade é uma doença – uma profunda crise do conceito de verdade – que urge combater. Reflete uma transformação profunda no modo como o debate político se organiza. Num mundo assim, o que desaparece não é apenas a verdade, mas também as pré-condições da política.”

O pensamento crítico é a única defesa duradoura contra a manipulação emocional.

A pós-verdade não é um acidente histórico passageiro, mas um sintoma da transformação profunda na forma como a humanidade processa, actualmente, a informação. O desafio do nosso tempo — para governantes e cidadãos — não é tentar impor uma verdade única, mas restaurar a confiança nos processos que nos permitem distinguir o verdadeiro do falso. Sem esse consenso básico, a política torna-se impossível e a sociedade fragmenta-se em tribos hostis.

A reconquista da verdade exige, portanto, um acto de cidadania, um esforço consciente para duvidar do que nos conforta e de valorizar o que é factualmente verificável. Este é, sem dúvida, o maior repto que a inteligência artificial (IA) nos coloca e, simultaneamente, um teste à nossa capacidade de afirmar a nossa condição de seres pensantes que conseguem aliar o pensamento à emoção e, desse modo, derrotar o primado dos dados, puros e duros.

“A pós-verdade é o pré-fascismo”.

## Câmara Municipal da Lagoa reúne com Associação de Estudantes da Escola Secundária da Lagoa

A Vereadora da Câmara Municipal de Lagoa, Albertina Oliveira, reuniu recentemente com a Associação de Estudantes da Escola Secundária de Lagoa (AEESL), um encontro que contou com a presença do novo presidente, Alexandre Almeida, e que teve como principal objectivo, precisamente, a apresentação da direcção recentemente empossada e o reforço da parceria entre o Município e aquela associação.

A reunião permitiu o estreitamento de laços institucionais, tendo em vista a colaboração no cumprimento do plano de actividades da AEESL, bem como o desenvolvimento de iniciativas conjuntas direccionadas à juventude do concelho.

Segundo Albertina Oliveira, “a Câmara Municipal de Lagoa reconhece que a Associação de Estudantes da Escola Secundária de Lagoa é uma parceira estratégica na auscultação, participação e mobilização dos jovens, valorizando o seu papel activo na dinamização da comunidade estudantil”.

Durante o encontro, foram dadas a



conhecer, por parte do Município, várias iniciativas actualmente em curso, nomeadamente o Cartão Jovem Municipal, o Conselho Municipal da Juventude, a Assembleia Municipal Jovem, bem como

os apoios concedidos a projectos escolares desenvolvidos em parceria com a Escola Secundária de Lagoa.

Na ocasião, foi manifestada ainda total disponibilidade e empenho na pros-

secução conjunta de objectivos comuns, reforçando o compromisso do Município com políticas públicas que promovam a participação juvenil e o desenvolvimento cívico dos jovens lagoenses.